

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA DE PORTUGAL E DO BRASIL

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assinaturas e numeras
anuidos : em Paris, no n.º DAVID CORAZZI, 42, rue
da Académie, Lissboa ; e no Brasil, no n.º José de
Mello, 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.
Preço do numero é Paris, 1 franc.

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 24

PARIS 20 DE DEZEMBRO DE 1889.

Gerente em Portugal e Brasil : DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS :

ANNO (CÓRTE)	12.000 REIS
MESES (CÓRTE)	6.000 —
ANNO (PROVÍNCIA)	14.000 —
AVULSO	300 —



RIO DE JANEIRO. — A ESTATUA DE DOM PEDRO I, NA PRACA DA CONSTITUICAO.



A TRAVÉZ DE PARIS

Heilbuth. — Um caso grave. — Est-ce qu'il s'en f...? — Ne s'en fait-il pas? — Heilbuth não teme verbo no idioma patrio. — Seu papel como netivo. — Seu papel como pronominal. — Coquelin de volta. — Um aniversário. — Do sítio à glória, ou 28 anos da vida d'uma homem célebre. — Patine e putinador.

UM adeus a esse pobre Heilbuth, o segundo alemão com espírito depois de Henri Heine. Os portugueses que visitaram o pavilhão dos aquarellistas lembraram de certo dísses nome: e das suas lindas figurines de parisienses, tão gentilmente croquées, rosadas, um pouco boulottes, adoráveis. Ninguém como este gordo hamburgoz comprehendeu a parisiense e exprimiu pelo pinçal a sua graça fluida, o seu encanto penetrante, a sua irresistível sedução.

Uma outra especialidade de Heilbuth, — ada velha e já quasi extinta pompa romana e papal. Os seus cardoços barrigudos e de otto malicioso, os seus guarda-chuvas variegados como passaros das ilhas, as suas figuras mirradas de padrecasinhos ladinhos, os seus meninos de côro, as luíras magnificentes guardadas por alabardeiros sumptuosos, os seus colloquios de prelados, do mão polpuda e macia, nos terrassos do Pincio, não de ficar como exemplos d'uma arte elegante e espirituosa, d'uma ironia delicadíssima, e d'uma virtuosidade sem rival.

Heilbuth partilhava com Maurice Leloir e Dubufe a realzo da aquarella moderna. Se eu fosse uma linda parisiense, vestir-me-ia de lueto por 15 dias e iria levar um ramo de violetas à campa do meu pintor.

Elle chamaillit? Ou não lho chama? That is the question, como diz lá o outro. O reporter afirma que sim. Sardou afirma que não. O caso é grave.

Trata-se d'uma interview, durante a qual essa velha engelhada e rabujenta que se chama Sardou, teria dito que nunca mais admitiria aos ensaios das suas peças, esse *salão de petits journalistes*!

Aquele e seguido de pontinhos produziu escândalo. O animal de pena, visitado pelo in-juria, ouriçou-se. Mesmo os grandes mamomoush da classe se sentiram arranhados. Magnard, do *Figaro*, saiu a campo, e em dez linhas que uma cobra cascavel não teria duvida em assinar, lembrou ao author do *Tosca* e outras pantomimas os favores que elle costuma sollicitar dos tees s... de *petits journalistes*, quando se trata d'estimular a curiosidade em torno d'uma peça a ensaios. Sardou em resposta negou ter protocolado tal injúria. Mas o reporter manteve o seu texto, e asseverou que Sardou ainda acrescentara qu'il se f... dos jornais e dos jornalistas.

Um charco onde haja rãs, ao por do sol, poderá dar uma ideia vagu da concerto que levantaram na imprensa estas duas inicias, seguidas das suas respectivas reticências. Pela sua índole particular, tales misteriosos vocabullos são intraduzíveis n'essa folha circunspecta, e por isso não posso dar ao meus leitores pouco familiarizados com os segredos do francês que se não aprende no La Plate, uma ideia da offense qu'elles encerram.

Seja-me porém licito lastimar, de passagem, mas profundamente, a falta inoportunável que faz na língua portuguesa a presença d'um verbo tão servicial e prestativo como o inteligente ver-

bo — se f... Só quem vive em França e quotidianamente assiste ao labor infatigável d'este agente da ideia, e à parte enorme que elle toma na marcha das coisas e no progresso das instituições, é que pode avaliar os serviços que elle nos poderia prestar, se o acclimatassemos entre nós e d'elles tirassemos o partido conveniente.

Conjugado na sua forma activa, elle substiu-se geralmente e com vantagem todos os outros verbos, o que desde logo suprime para o estranho a fatigante tarefa de recorrer ao memória uma turba fugitiva de vocabullos inúteis. Com o Bedeker, algumas camisas e o verbo f... todo o torastore, seja elle Croton ou Andortino, pode percorrer a França, de Dunkerque a Marselha, sem saber de frances coiso alguma alim d'alguns substantivos essenciais: *F... et moi du pain*; *F... et moi du roastsbeef!* Toda a ginc e o complotismo sem esforço, e o seu atíssimo será admirado. Não faltaria quem exclame em volta d'elle: — Como este estrangulo falia bem o francês!

Mas é sobretudo na sua forma pronominal que o verbo se f... representa uma necessidade pública, ou mesmo tempo que um ideal moderno e civilizado. Elle exprime tanto os desdons profundos, os nojos requintados, os mudos e alivios despezes que o espetáculo das corrujezes contemporâneas, da baixezu das almas, das mesquinhes dos caracteres, da sordidez dos interesses, suscita no espírito d'uma élite de dedicados e de desfildados. Pela força cohesiva do seu significado e das conivéncias que elle exprime, o verbo se f... applicado a política, produziu nada menos do que a constituição d'um partido que é simplesmente o mais numeroso, o mais unido, o mais firme, o mais sincero, que a França se orgulha de possuir — o glorioso partido dos *je m'en f...s*, o único que a não explora, que a não arruina, que a não perturba. Na minha qualidade de bom patriota, eu desejaria para aquella que me deu o berço (estilo azul e branco) a adaptação d'um verbo suscetível de efeitos tão prestantes e de influencias tão salutares, e não posso deixar de lamentar a sua falta n'uma terra onde, pela simples contemplação do que se passa na arte, na política e nos costumes, todo o homem sensato e dedicado de gostos e de hábitos, experimenta a necessidade de exclarar vinte vezes por dia: « Ora adem! Je m'en f... »

Quanto ao incidente Sardou, à hora em que escrevo, já elle desapareceu na enxurrada de factos miudinhos que n'este Pariz entretêm a curiosidade em constante excitação. E a posteridade ficará sem saber se realmente Sardou se f... ou não.

Entretanto tivemos, sem tambor nem timbete, a entrada, isto é, a reentrada de Coquelin na Comédia França. Quando digo sem tambor nem timbete, quero dizer apenas que o theatro se absteve de anunciar com espalhafato esse acontecimento considerável. O nome de Coquelin figura no cartaz em caracteres microscópicos. O famoso decreto de Moscou, assinado ao clarão das chaminés do Kremlin, regulou estas questões de precedência entre a gente de queixo azulado, Rostopchin e o seu trágico desespuro não impediram Napoleão de determinar que um ex-societário, readmitido na ilustre companhia, só teria lugar na cauda do anuncio, entre os simples pensionistas. Cabotin Bonaparte puxia *Cabrin aí!* Sempre o olho d'aguia do genio!

Isto não impedia o irmão de Cadet de receber uma deliciosa ovação a que elle se dignou mostrar-se sensível. As frequentes viagens aos paizes d'onde se volta banqueiro, não lhe fizeram perder as suas qualidades de diâbolio incomparável, e a sua erva tão excitante e tão comunicativa. E sempre a mesma voz mordente e sarcástica, a mesma face de lacaio esporta, o mesmo nariz de plavimetro, a mesma arte tranquilla e consciente da sua força,

Um jornalista descobriu uma singularidade cronológica. Coquelin estreou-se na Comédia França no dia 7 de dezembro de 1861. Foi a 7 de dezembro de 1889 que teve lugar a sua reencenação. Ele sempre ha cada coincidência! Neste intervallo de 28 annos, Coquelin que tem boas pernas, não ficou sentado. Um amigo meu que ha cerca de 30 annos era empregado na alfândega de Bolonha, tinha como padreira a excelente mamã Goquelin, e eram os dois amigos quem, de cesto à cabeça e enfarrinhados, lh' o traziam a casa d'el 6 de manhã. Que este por menor, aliás todo em honra de Coquelin, não desvie da sua missão social os padrotes portugueses que leem estas linhas! A estatística prova que, se toda a padaria francesa não conseguia dar de si sem dois Coquelin, a nossa padaria nacional não chegaria a dar nem uma terça parte de Fartusen. Ora, francamente, para tal resultado, não vale a pena.

Para concluir, falemos um pouco d'este lindo lirio que por ahi vai e que promete, se assim continuar, dar triunfos aos uitos do Jardim das Plantas. Mas ha comparações. A neve e a geada fazem Paris mais bonita ainda que o sol e o seu azul. Flaubert dizia que ha certos logares no terra que a gente desejará poder beijar e apertar contra o peito. O Bois inspira-me a mesma ternura em certas manhãs de inverno, como temos tido ultimamente. A relva das pelousas agora tem enorme steppe branca, lisa e polida, como o peitilho do sur. Sadi-Carnot. Do seu cinzento desteucam-se com uma nitidez de nervuras colladas em herbáceas, as copas das arvores, cobertas de geada, lembrando cabeças fidalgas de regência, sob a penumbra de corte, polvilhadas à la Marquise. Já se padina nos laços. Nada mais encantador do que este sport mal e cantado. Começa saia curta, a boca fúria, a jaqueta collante, a gorda de lombar, as feias parecem bonitas, as bonitas tornam-se... paores. Que lindas attitudes, que morbideza de gestos, não permite este fino exercicio de desrezo e de elegância. Como os olhos riem com o prazer de velocidade extrema, como os labios sorriem, como asfixias se avermelham sob o efeito do ar glacial, violentamente contado com uma rapidez de expressão a todo o vapor! Sem faltar nas surpreendentes revelações das cambalhotas, que ás vezes excedem o imprevisto o que a imaginação, tão audaciosa, poderia desejá-lo! Viva o patim!

GIESS.

ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

Se a enlaçai-me no peito
Me calhe desfeita uma flor,
Lembras-me, sonho desfeito!
Sonho d'amor!

Se a borboleta do calix
D'un lirio aos ares se ergueu,
Lembras-me, estrela dos valles!
Lirio do céu!

Se inda um afecto em mim vive
Entre os que mortos possuo,
Lembras-me, sonho que eu tive!
Lembras-me tu!

JOÃO DE DEUS.



AS NOSSAS GRAVURAS

RIO DE JANEIRO.

TUDO quanto se tem passado no Brasil, desde a abolição da monarquia até à proclamação da República, tem feito com que a atenção da Europa, e especialmente de Portugal, se concentre no Rio de Janeiro. D'aqui o interesse com que são acolhidas pelo público todas as gravuras e retratos que digam respeito ao Brasil. E os jornais de Paris e de Londres não se cansam em solicitar elementos das pessoas que mais de perto se acham em relações com o Brasil.

Uma das pessoas mais sollicitadas em Paris da parte dos jornais ilustrados franceses e ingleses tem sido o nosso director Mariano Pina. Assim, todas as gravuras que apareceram no *Monde illustré* de 30 de novembro de 1889, o grande jornal parisiense de que é director o nosso ilustre collega Edouard Hubert, foram executadas sobre photografia comunicadas pelo director da *ILLUSTRAÇÃO*.

Em quanto o *Monde illustré* fazia acompanhar todas essas gravuras e retratos do seguinte declaração: «*d'après les photographies communiquées par M. Mariano Pina, directeur de l'« Illustration portugaise »*» — vários jornais ilustrados portugueses serviam-se não só d'esses elementos, mas de antigos retratos que só a *ILLUSTRAÇÃO* tem publicado, para os dar como seus.

Isto vem de molde para responder a pequeninas alfinetadas d'um jornal ilustrado português quando, alludindo desdenhosamente à nossa revista, faz baptismo de que os seus clichés são absolutamente originares. Ora esse jornal, de cada vez que se trata d'um assunto de interesse geral, não só não copia as suas gravuras das gravuras dos jornais de Paris, mas — o que ainda é pior — ainda por cima as estraga, sem dizer donde copiou! Os exemplos d'este procedimento abundam na folha em questão. Não nos damos ao trabalho de os enumerar, porque isso de certeza exigiria um numero inteiro da nossa revista...

Adiante.

ESTATUA EQUESTRE DE D. PEDRO I.

Está eretta, ao centro de um bellissimo jardim na Praça da Constituição. Foi inaugurada a 30 de março de 1862, tendo os despesas corrido por conta de uma subscrição popular, aberta pela illustrissima câmara municipal.

O trabalho do estatuário francês Luiz Rochet, a quem foi confiado por concurso, o custou perto de quatrocentos contos de reis, moeda l'razileira.

A balaustrada e candelabros que cercam o monumento foram fundidos no Rio de Janeiro.

Sobre um sóccio de cantaria repousa o monumento, que é todo de bronze. O imperador, fardado de generalíssimo, é representado no momento em que faz parar o seu cavalo e proclama a independência do Brasil, nos campos do Ipiranga.

Quatro grupos allegóricos representam os maiores do Brasil. Algumas das figuras, notavelmente as dos índios do Amazonas, são de uma grande verdade e expressão.

O monumento todo tem uma altura de 15 metros e 70 centímetros; o peso total do bronze chega a 55.000 kilogrammas.

Na frente da estatua lê-se o seguinte distico:

A
DOM PEDRO
PRIMEIRO
GRATÍMIO
aos Brasileiros.

Com efeito — escreve um jornalista brasileiro, redactor da *Gazeta de Notícias* — sejam quais forem as opiniões do futuro sobre a política do primeiro imperador, tem ele um título que legitima a

sua estatua e houve conservado perpetuamente no seu lugar: D. Pedro I foi o fundador de uma nacionalidade.

PANORAMA DO RIO DE JANEIRO.

As nossas duas gravuras representam os diferentes aspectos da barra e da entrada do Rio de Janeiro, um dos panoramas mais grandiosos que os viajantes se não cansam de admirar e de elogiar.

Ouvimos dizer a Coquelin, que tem percorrido toda a Europa e as duas Américas, que nunca sentiu diante dos aspectos da natureza impressão tamanha, como quando pela primeira vez entrou a barra do Rio de Janeiro.

Os nossos leitores de Portugal que já fizeram a viagem do Brasil hão de rever com prazer esses aspectos, que o nosso gravador reproduziu com uma verdade flagrante.

OS PONTOS NOS II

Raphael Bordallo Pinheiro acaba de imprimir em Paris um magnifico suplemento de 36 páginas do seu semanário *Os pontos nos II* — todo dedicado ao pavilhão português do quai d'Orsay, este pavilhão que tanto sucesso obteve na Exposição de Paris, graças ao prodigioso e originalíssimo talento do nosso querido amigo.

Recomendamos este importante suplemento dos *Pontos nos II*, ilustrado com desenhos de Bordallo e com admiráveis photogravuras do nosso colaborador Sgap, impresso em belo papel, e na mesma tipografia parisiense onde se imprime a nossa *ILLUSTRAÇÃO* — a todos os nossos leitores.

Todos quantos se regostarem com a óptima figura que Portugal faz em Paris, graças ao gênio decorativo de Bordallo; todos quantos quiserem conhecer todos os detalhes d'essa admirável instalação, devem comprar o suplemento dos *Pontos nos II*.

D'ahi extrahimos, como amostra, a graciosa photogravura que publicamos n'outro lugar da nossa revista, e que representa o bar de provas de vinhos e cestos portugueses, com todo o pessoal, com as vendedoras vestidas com costumes nacionais, conforme o exigiu Bordallo Pinheiro.

O texto d'esse bello suplemento é a historia de todos os trabalhos d'installação da exposição portuguesa, feita por Bordallo. Historia das mais curiosas e das mais edificantes, e que dá por vezes azo a tristes reflexões acerca da desconfiança dos portugueses pelas coisas realmente portuguesas e profundamente artísticas que o nosso paiz ainda passa, e de que raros fazem caso.

Que os nossos leitores se apressem a comprar esse bello suplemento dos *Pontos nos II*.

Dessa historia passamos a transcrever a ultima parte, que é um bello grito patriótico em favor da nossa querida pátria, e um protesto alto contra a mania do extrangeirismo que tão ridiculos nos tem tornado a nós mesmos e até aos olhos dos estrangeiros:

Eis-me chegado ao fim da minha peregrinação. Dos dissabores passados durante o período da ornamentação e da instalação, já não guardo hoje o mínimo ressentimento. Olho para a obra concluída apenas com a vaga tristeza de não ter podido realizar todos os meus projectos, todas as minhas phantasias, todos os planos que havia formado...

Nesta exposição do Quai d'Orsay faltou o tempo, e faltaram sobretudo os elementos portugueses. Abriu a Exposição universal no dia 5 de maio, e nesse dia ainda o pavilhão e anexo não estavam em condições de serem ornamentados, e faltavam principalmente os elementos de ornamentação.

Mas o que se fez, dá com tudo uma ideia do que se pôde fazer com os prodigiosos elementos artísticos de que o nosso paiz ainda hoje dispõe, — apesar do muito que as nossas industrias têm perdido com a horrívola mania da assimilação constante das industrias extrangeiras,

Eu bem sei que a maioria dos que se dizem críticos na nossa terra, hão de chamar catarrice ou pose a esta minha afirmação absoluta de que Portugal ainda possue prodigiosos elementos d'um carácter exclusivamente nacional, podendo competir com o que ha n'outros paizes d'Europa. Não admira. Entre nós só ha olhos para o que o estrangeiro produz. E toda a nossa ambição seria fazer do nosso paiz uma imitação de tudo quanto se faz em França e em Inglaterra.

Esta é a nossa desgraça! Nós queremos que Lisboa seja « um Paris em ponto pequeno! » Nós queremos que as nossas praias e as nossas cidades d'água sejam uma servil imitação das praias e cidades d'água de França. Nós queremos que os nossos sítios de verão estejam cobertos de *chalets* suíços. Nós queremos que as nossas indústrias percam os restos de carácter nacional que ainda possuem, e passem a copiar cegamente os tipos das indústrias francesas, inglesas e alemãs. Nós queremos tudo, nas nossas cidades, nas nossas casas, nas nossas mesas, nos nossos teatros, na nossa arte, na nossa literatura e nas nossas indústrias, tudo quanto não seja português, e tudo quanto cheire a extrangeirismo. Nós temos horror às nossas toiradas, e só suspiramos por uma insignificante corrida de cavalos, ou pela sensaboria d'um tiro aos pomos. O que nós temos vergonha de ser — portugueses!...

Mas que querentão dizer o interesse com que, homens do valor de M. Alphand, Berger, Paul Bourde, Landrin, Dr. Charcot, Clairin, Coquelin, Th. Deck, Champfleury, colecionadores como o Barão e a Baronesa de Rothschild, percorriam o pavilhão português, desejando obter os artigos exclusivamente nacionais que lhe serviam de orientação?... Que possuem um gosto depravado; que são uns imbecis; e que nós é que temos razão desdenhando as nossas coisas, — quando são elles que fazem a crítica e educam o gosto dos parisienses? Que dirão os nossos críticos quando lhes disser que Mme Charcot e o pintor Clairin, tratam de obter as nossas chitas e os diferentes tipos dos nossos cobrejões, para com elles ornamentarem paredes de aposentos e de atelier?...

A minha estada d'um anno em Paris, n'este famoso anno da Exposição, e o sucesso que obteve o pavilhão português do Quai d'Orsay graças aos objectos portugueses ali expostos — confirmaram esta minha catarrice: de que em Portugal se deve provocar uma corrente d'opinião para fazer guerra à nossa desgraçada mania d'extrangeirismo, que tanto nos avila, e tão incharacterísticos nos torna...

Longe de mim a ideia de negar a necessidade da contemplação e do estudo das artes em França, das indústrias em França, Inglaterra e Alemanha. Mas do estudo á paródia, á maca-que, há um abismo. E é este abismo que nós costumamos transpor, com uma insensatez impenitível...

É contra este rebaixamento do carácter nacional que eu me revoltó. Foi um protesto contra o desdém e a desconfiança pelas coisas essencialmente portuguesas, que eu procurei lavar no pavilhão do Quai d'Orsay, em plena exposição de Paris.

Os sorrisos de varios compatriotas meus, e as felicitações dos parisienses, é que hoje me animam a continuar com mais ardor do que nunca esta propaganda patriótica. E depois do que vi e do que aprendi em Paris; e depois de ver de perto como a França é grande, porque os franceses só admiram a França, fazendo guerra a toda e qualquer inovação que lhes seja imposta pelo estrangeiro, — com mais entusiasmo ainda grito:

— Viva a França!
— Viva Portugal!...

Paris, 1889.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.



BRAZIL. — O PANORAMA DO RIO DE JANEIRO. — (*Ligação de A em A*)



[CHRONICA DO BOULEVARD]

PELAS tardes frias de dezembro, quando o azul é puro, o ar leve e penetrante, e o termômetro baixa tranquilamente até zero, avermelhando as caras dos cocheiros — Paris flana contente ao longo do asfalto, entre a praça da Ópera e a rua Drouot... Porque Paris flana sempre no mesmo sitio, no mesmo pedaço do boulevard, sempre do lado do Vaudeville, como nos bons tempos do *Parisienne* de Gonçalves, que é o mesmo que dizer Nestor Roqueman, Théophile Gauthier ou Balzac. •

Qu'importe que o município de Paris nos ofereça o parque Monceau e todas as maravilhas dos Campos Elyseos, para ver se decentrálisa a vida da grande capital, e torna mais atraentes novos bairros luxuosos! O parisiense difficilmente perderá o

habito de *boulevardiar*, como o lisboeta nunca deixará de saborear esse prazer que os deuses talvez ignoram, e que se chama — "fazer o Chiado!"

E o parisiense e o lisboeta tem curradas de razão. O Chiado é bem mais interessante e bem mais lisboeta do que a Avenida. Hurrah pelo Chiado! Tenhamos a coragem de amar o Chiado — n'estes tempos decadentes em que parece ser difícil ter a coragem de ter uma opinião...

O boulevard encerra as mais bellas tradições da grande capital. O

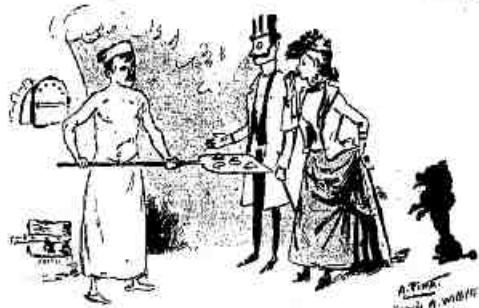
boulevard anda cheio de recordações famosas: e à hora do absynthe, ell-o povoado de historias que passam nos bando, roçando as azas invisíveis pelos olhos dos que conhecem as lendas de Paris. E para ver passar o bando misterioso, basta olhar para dois ou três letreiros — *Café Anglais* — *Maison dorée* — *Tartini*. E os tipos da eterna comédia humana passam guiados por Balzac, como se fôra um sonho agravado pela mão de Gavarni...

São cinco horas. Vêem-se os amadores do absynthe, sentados nas terrassas dos cafés, saboreando o prazer de ver passar a onda humana. Vêem-se os amadores do *eterno feminino*, seguindo constantemente uma saia apanhada ou uma

LA GRANDE NEVROSE. — Os dois polos. (Desenho de Augusto Pina, d'après José Roy.)

nuca de cabellos d'ouro, onde beijos podem cantar com mais alegria que os rourinoes em dias de primavera. Vêem-se os amadores da política, com os narizes enterrados nas notícias do parlamento. Vêem-se os amadores de livros, diante dos *étalages* dos livrarias, devorando com os

olhos as ultimas novidades ilustradas. Vêem-se os amadores das coisas invisíveis, sentados às portas dos cafés, diante d'um vermouth, os olhos



LES NUITS A PARIS.

(Desenho de Augusto Pina, d'après Willette.)

meio cerrados, distraídos, felizes, risonhos, imóveis, gozando o prazer de viver, como certos mandarins de porcelana gozando da inefável contemplação do proprio umbigo! Vêem-se de todos os feitiços, de todas as corés e de todos os iamanhos.

Vêem-se os parisienses de facto, e vêem-se os parisienses *in partibus* — os que são oriundos de Mars

elha ou de Lisboa, os que são oriundos de Fez, ou de Pekim, e que chegam a Paris de turbante ou de rabicho, ansiosos por matarem saudades do boulevard — d'este boulevard que nos é indiferente quando o pisamos, mas que abre um vaso enorme no nosso coração apenas d'ele nos achamos separados...

Compreendo o amador do *eterno feminino*, como o amador das coisas invisíveis — aquelle para quem o boulevard não é uma máquina de sensações, mas uma máquina de evocações íntimas. Mas o que eu mais comprehendo e o que mais se identifica com este vosso atento vendedor e criado — é o amador de livros.

A EDIÇÃO ILLUSTRADA DE "JACK". (Desenho de A. Pina d'après Myrbach.)

Livros ilustrados! como eu vos vejo no *étagage* de Flammarion, sorrindo do fundo das vossas capas coloridas! Vós sois uma provocação! Vós sois tão excitantes e tão perturbadores, como os corpinhos das parisienses que passam agora, a caminho do Boque, desafinando o termômetro, enterradas em fôfes confortos de lona e extrakam! Vós sois o diabo tentador, disfarçado n'um volume de 300 páginas, com desenhos de Willette, de José Roy ou de Myrbach...

Tenho a honra de lhes apresentar estes trez principes do paiz dos desenhadouros, onde é ral, por graça do Genio, Sua Magestade Melssonier I.

Willette, que tem passado o seu tempo a estudar a physiognomia de Pierrot e de Colombine, deu-nos agora um livro — *Noites de Paris* — Ilustrando o texto do seu amigo Darzens, companheiro de explorações e aventuras nocturnas. Os dois levam-nos a



MISS RECLAME.

toda a parte, ás Montanhas russas e ao Buitier, ás Folies-Bergère e ao Chat-Noir, ao Elysée Montmartre e ás esquadrões de polícia, as Halles centrais e ás ás scenes de Roquette, quando, ao desponhar do dia, cai no césto fatal a cabeça d'um condenado á morte... Brer! — O meu colaborador deixa de lado as ás scenes tragicas, e mostra-lhes apenas um tipo da parisienne e do gominho de Willette, indo ás traz horas da madrugada, seguidos do inevitável caniche, comer brioches a um famoso padaria do faubourg Montmartre.

José Roy estuda agora com o dr. Gérard — o famoso apologista da fecundação artificial — os tipos da grande nevrose parisienne: — da nevrose da ambição, da nevrose religiosa, mística, conjugal, da reclame, do estomago, do alcohol, do jongo, do amor, etc.... Porque tudo hoje em dia é nevrose, segundo os doutores da ciencia, — nevrose literaria, artística, científica, mundana, comercial, financeira, política, militar, etc., etc., e etc.!

Uma das mais curiosas é a nevrose da reclame, que reúniu num mesmo abraço invisível, mas indissolúvel — Sarah Bernhardt e o general Boulanger! Mas uma das mais perigosas dizem os medicos ser a nevrose do amor. Para que ella se manifeste, basta apenas o contacto, ás vezes a simples approximação, de dois acumuladores de electricidade. Vemos d'um lado o polo negativo, mais vulgarmente conhecido pelo nome de *Homen*; do outro o polo positivo, mais vulgarmente conhecido pelo nome de *Mulher*. Pois basta ao que parece que estes dois fluidos se communiquem ligeiramente entre si, pela vista ou pela epiderme, como já o havia previsto Chamfort, para que a Nevróse rebente, mais terrível e mais destruidora que toda a nitroglycerina dos nihilistas e dos anarquistas... Recomendamos o capítulo aos pais de família, aos maridos, e aos namorados dos anuncios do *Diário de Notícias*, a quem a paixão muitas vezes cega! E de fazer arruinar os cabellos! —

Quanto a Myrbach, esse mostrava-nos hoje, na deliciosa colleção *Guilhume* que está sendo o encanto dos verdadeiros amadores de livros, os tipos e as scenes d'essa obra-prima desentimento e de simplicidade assignada por Daudet, e que se intitula *Jac.* Diz assim o romancista, na passagem que o meu colaborador escolheu, para lhes dar uma amostra das composições de Myrbach:

« O cantor pôs-se de pé, dentro do barco em que elle e a creança atravessavam o Loire, um pouco acima de Paimbœuf, e abraçando o rio com um gesso emphatico exclamou:

— « Olha, meu velho Jack, como tudo isto é bello! »

E o amador de livros ilustrados, encantado com a beleza das edições parisienses, passa d'um a outro, d'um livro de 5 francos e 50 a um livro de 100 francos, d'um jornal a uma revista ilustrada, dum fascículo a um álbum de Caran d'Ache, desejant-o possuir tudo, compreender tudo, trazer todo o estalage para casa, e passar a vida na contemplação de todas essas maravilhas, na voluptuosidade d'esse gosto da vista e do espirito, que só os escriptores e os artistas de Paris tem o segredo de nos saber comunicar — tornando-nos felizes, profundamente felizes...

Mas...

U' odioso mas! é infame, ó réles, ó vil, ó crápulo! mas!... Para que has de assim esmagar a noiva felicidade?...

Mas... o amador de livros ilustrados mezze e remexe, vira e revira, volve e revolve as algibeiras... E por fim convence-se — ó miserável realidade da vida! — que para comprar, que para possuir todas essas tentações da livraria, precisava ter uma parte nos lucros, já não digo da casa Rothschild, mas pelo menos do banco de Portugal...

Resta-lhe porém a consolação supremo de os

ter visto, de os ter folheado, de os ter contemplado á vontade — com o mesmo prazer com que no Louvre se contempla essa ásma de marmore, que perdeu os braços não se sabe como, e que dá pelo nome de Venus de Milo!

MARIANO PINA.

AS NOSSAS GRAVURAS

(Conclusão).

RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS.

Os acontecimentos que se passaram no Brasil impediram-nos o dever de oferecer aos leitores da *Ilustração*, não só os retratos de S. M. o sr. D. Pedro II e de toda a família imperial, como também outras gravuras d'aspectos brasileiros. D'aquei a necessidade de restituir no presente numero a série de gravuras que estamos publicando sob o título de *Recordações da Exposição*.

Não quisemos porém demorar mais tempo uma grande pagina representando o interior do

PALACIO DAS MACHINAS

esta maravilha de construção que tanto honra faz á arquitectura francesa, — o interior do palacio, com toda a sua vida, com todo o seu movimento assombrado, cujo espetáculo ficará para sempre gravado na memória de todos quantos puderam contemplá-la.

Mostremos então aos leitores da *Ilustração* esta grandiosa e esmagadora maravilha, tão vibrante do resfolgar dos enormes volantes, das silvas dos jactos de vapor, e da trepidação dos pistões. A colossal carcassa une-se a 48 metros acima do solo. O hall das machinas tem exactamente 420 metros de comprimento e 115 metros de largura. A sua gigantesca carcassa é formada de vinte costeladas metálicas. De cento e quinze metros d'extensão: nunca se tinha atingido semelhantes proporções. No dia 5 de julho de 1887 começaram-se os altos coros destinados a suportar o immenso peso de 7.845.510 kilogrammas!

Os trabalhos dos alferzes duraram seis meses. Nos últimos dias de setembro de 1888, o principal d'este magnifico trabalho achava-se concluído, cobrindo uma superficie de 48.335 metros quadrados, peso de cinco hectares. Começaram imediatamente os trabalhos do envidraçamento; colocaram-se as grandes vitrinas nos dois extremos, representando um o *Carro do sol*, e o outro a *Batalha de Bonifácio*; e cobriram-se os frisos com immensos frescos decorativos, representando as principaes cidades do mundo — aproximadamente dois hectares de pintura!

Dizer-lhes agora o que esta galeria continua de machinas de todos os tambores e de todos os feitos, éis o impossível. As machinas expostas davam-se aos militares, servindo para mil necessidades da vida quotidiana: para as grandes colosseas, como para as pequenas industrias.

O movimento e o ruído d'esta galeria causava uma prodigiosa impressão d'assombro. A multidão que enchiu a galeria calculava-se por dezenas de mil pessoas. Os elevadores, como se ve no primeiro plano da nossa gravura, estavam sempre cheios. E esperava-se uma hora para poder tomar lugar nas pesadas volantes movidas pela electricidade, que constantemente percorriam toda a galeria a alguns metros acima das corredes de transmissão de força.

O palacio das machinas deve-se á collaboração dos sr. Dutert, arquitecto, e Contamin, engenheiro. Este palacio custou 7 1/2 milhões de francos, ou seja 1.350 contos de reis.

As machinas motoras que punham em movimento todas as machinas expostas, o que se achavam collocadas fora do palacio, eram 32. A força motriz total era de cerca de 2.660 cavallos.

Os exposidores estrangeiros ocupavam na galeria das machinas um terço da superficie total. Parece-nos não errar, dizendo que Portugal não expôs uma unica machina... Anfô ser á ultima hora uma machina de fabricar fitas, sistema Moraves, e que foi exposta pelo dr. Carlos Mayer.

Para a iluminização havia 86 lampadas d'arco de

25 amperes, fornecendo a radio de 350 bicos cada uma, á luz de 30.000 candelas. Mais 4 lustres de 6 lampadas, á radio de 1.000 candelas cada uma, fornecendo á luz de 24.000 candelas.

Pode-se calcular de 80 a 90.000 bicos candelas á quantidade de luz espalhada á noite na galeria das machinas.

Paracemos escusados mais detalhes. O que acima deixamos impressos são o bastante para os leitores da *Ilustração* fazerem uma ideia do grande espetáculo que a nossa gravura representa.

LIVROS ILUSTRADOS

A *Ilustração* publica hoje uma chronica de livros ilustrados, texto de Mariano Pina, desenhos de Augusto Pina, d'après os desenhos que ilustram certos livros que raras vezes chegam ás mãos do público de Portugal e do Brasil.

O moço artista que apresentámos no passado numero aos leitores da nossa revista, procura n'este gênero de desenhos dar a ideia exacta do estilo de cada um dos desenhadores parisienses que colaboram nos volumes que o público de Paris tanto aprecia, e que constituem o encanto das modernas bibliotecas. Cremos que alcançou plenamente o seu intento, conservando aos desenhos de Willette, de José Roy e de Myrbach, todo o carácter e todo o brilho dos originais.

A on-éte de chronica é original do moço artista, alumnus dum dos principaes ateliers de Paris. Não lhe tecemos elogios, porque é um desenho hesitante da quem pela primeira vez aparece em público, com toda a timidez d'um estudante de bellas-arts.

Da que nos felicitamos, é de ver no ierito do nosso director um colaborador da *Ilustração*, podendo em breves annos tomar a seu cargo a direcção artistica da nossa revista. E nas nossas felicitações vão os parabens de todos nós: ao nosso director Mariano Pina.

B. R.

A FAMÍLIA IMPERIAL BRAZILEIRA

S. M. o sr. D. Pedro II, S. M. a sr. D. Maria Theresia, S. S. AA. a princesa D. Isabel (condessa d'Eu), príncipe D. Luiz d'Orléans (conde d'Eu), D. Pedro (príncipe do Grão-Pará), e D. Luiz e D. Antonio (filhos dos condes d'Eu), e D. Pedro Augusto de Saxe — chegaram a Lisboa no dia 7 de dezembro de 1888 a bordo do vapor *Alagoas*.

O *Alagoas* apareceu á vista da barra do Tejo ás seis horas e cinquenta minutos da manhã. A's nove horas o vapor largava ferro no ancoradouro do Lazareto. Pouco depois chegavam trez vapores nos quais iam, afim de cumprimentar o imperador, entre outras pessoas, os sr. conde o barão de Nicas, barão d'Aguilar d'Andrade, barão de Penedo, barão de Marejó, Sebastião Guimaraes, dr. Mezze Vileira, Santa Anna Neto, conde de Barral, Luiz Guimaraes, pessoal da embaixada do Brasil, barão de Mattosinhos, visconde de S. Joaquim, Eduardo Prado, dr. Forbes, e Paulo Portalegre, o consul brasileiro em Lisboa, que, respeitosamente, se curvou perante o imperador e lhe beijou a mão.

A onze e meia, a galota real atrevia ao *Alagoas*, e S. M. o sr. D. Carlos I, o grande uniforme de almirante, acompanhado pelos seus ministros de marinha e dos estrangeiros, conde de Mossamedes, governador civil e officiais das ordens, subia á bordo, e era recebido nos braços de seu tio, que lhe perguntou:

— Estás bom? E teu filho? Tua mãe? E a América?

O sr. D. Carlos dirigiu-se logo a cumprimentar a imperatriz e a princesa, e pouco depois a família imperial passou para a galota. Neste acto, El-rei deu o braco a S. M. a imperatriz.

A galota real foi ocupada exclusivamente pelo sr. D. Carlos, pelos augustos viajantes e pelo papagaio da princesa imperial, na sua galota reverenda d'panela***.

Os navios deram as descargas do estylo, arvorando no mastro grande as bandeiras portuguesa e brasileira, e os marinheiros, subidos ás vergas, deram os vivas da ordemança.

A galota real, que recebeu os augustos viajantes, dirigiu-se para o arsenal da marinha, onde era aguardada pelo pessoal superior d'esto establecimento, ministros e muitas pessoas da corte, e do alto funcionalismo. Fazia a guarda d'honra um batalhão d'infanteria.

Logo que desembarcaram, o imperador e sua família despediram-se d'el-rei, que foi para Belém, e foram a S. Vicente da Fórmula visitar o rei D. Luiz. Eram esperados no jazigo da família de Bragança por S. M. a sra. D. Maria Pia, acompanhada pelo sr. infante D. Afonso. O sr. D. Pedro II mostrou-se muito sensibilizado n'esta visita funebre.

A saída de S. Vicente, a família imperial dirigiu-se ao paço de Belém a comprimentar a rainha a sra. D. Amelia, com quem conversou algum tempo. De Belém retiraram-se para os seus alojamentos no Hotel Bragança.

A família imperial chegou ao hotel às 3 horas e 20 minutos. Vinha em landaus descobertos da casa real, puxados a duas parrelas.

Na primeira curriagem vinham Suas Magestades os imperadores, e no assento de diante a princesa Imperial.

O imperador desceu primeiro e ajudou depois a descer a imperatriz. Para que esta senhora pudesse apear-se, foi necessário colocar-lhe junto da portinhola um dos assentos da almoada, a servir de estribo.

No vestíbulo esperavam Suas Magestades grande número de pessoas da colónia brasileira e alguns jornalistas.

A primeira pessoa que beijou a mão ao imperador foi o sr. Pinheiro Chagas, que estava à porta do hotel.

Sua Magestade disse-lhe, com ar afectuoso e risonho:

— Adeus, Chagas; enião tem-se escripto muito?

Depois o imperador foi comprimentado pelos membros da colónia brasileira, que se achavam no vestíbulo do hotel, dirigindo a todos phrases amáveis.

Esta cena durou alguns minutos.

Suas Magestades, seguidos de sua família e pessoas do scópito, dirigiram-se em seguida ao andar nobre do hotel, aos aposentos que lhes foram destinados e que estavam mobiliados com muito gosto e sumptuosidade.

Além das pessoas da família imperial, vinham ainda a bordo do Alagoas formando a comitiva — viscondeza da Fonseca Costa, barões de Lazareto, conde da Motta Maia e filho, barões de Maritiba, dr. André Rebouças, aio dos príncipes, Fritz Stöckl, D. Joana de Alcantara, D. Leonilda Esprioxel, D. Ludomíla de Santa Mora, D. Maria da Glória, D. Julieta Alves, W. Bouchet, Eduardo Damer e Guilhermo Camerlaker.



CONDE DA MOTTA MAIA
Médico do Imperador.

A ILLUSTRAÇÃO oferece aos seus leitores os retratos de toda a família imperial, assim como o retrato do conde da Motta Maia, médico particular do sr. D. Pedro II, e que não dedicado tem sido ao ex-imperador.

A propósito do dom de 5000 contos que o governo provisório ofereceu ao sr. D. Pedro II, para despesas de viagem, e acerca do qual fizemos várias reflexões no passado número da ILLUSTRAÇÃO, é do nossos dever transcrever as seguintes linhas que encontramos no nosso distinto collega de Lisboa, o *Dia*:

— Eis como se originou o boato.

Mal se soube que a família real ia deixar o Brasil, o tenente coronel Guilherme Lassance, mordomo do ar. conde d'Eu, foi ao tesouro e ali disse que estranhava que assim se expatriasse uma família sem se lhe darem meios para a viagem, ao que lhe foi respondido que o governo punha à disposição do imperador a quantia de cinco mil contos.

Isto, porém, chegou aos ouvidos de S. M. o imperador, que ordenou logo ao seu mordomo que nem então nem depois aceitasse qualquer quantia que fosse, salvo a que lhe pudesse ser arbitrada pelas constituintes.

A REPÚBLICA BRAZILEIRA: — CAMPOS SALLES.

Continuamos hoje, com o retrato do sr. Campos Salles, a série dos retratos dos homens mais eminentes que se acham à frente do movimento republicano que aboliu a monarquia, e dos que fazem parte do actual governo provisório:



CAMPOS SALLES

Ministro da Justiça do governo provisório do Brasil.

E à proporção que formos adquirindo outros documentos interessantes acerca do Brasil e dos seus homens públicos, assim os iremos dando a lume, para que a ILLUSTRAÇÃO ponha d'este modo o público português ao corrente de todos os acontecimentos — acontecimentos que tanta impressão tem causado em Portugal. E o contrário é que seria para estranhar, porque os brasileiros representam na América uma parte da alma portuguesa, ainda hoje espalhada por todos os continentes com glória nossa e proveito da civilização humana.

O ministro da justiça do actual governo provisório, o sr. Campos Salles, é um advogado paulista, inteligente, de palavra fácil e fluente, que ha longos anos milita pela causa republicana tanto na imprensa como nas reuniões públicas. É novo ainda, quarenta anos quando muito, e conta grande número de amizades não só na sua província, como no Rio de Janeiro. Foi deputado geral na legislatura de 1884.

augmentar ainda a vossa felicidade, dedicavos o seguinte idílio gracioso, escolhido agora, e ao acaso, de entre muitos outros que sucedem no vosso paraíso terreal.

A praça está deserta. A noite é fria como gelo. E, enquanto as begonias dormem no conforto das estufas, há ali uma criação humana que dorme na pedra das calçadas.

E' um mendigo e um ladrão. De dia pede esmola, e à noite exige-a. A hora da missa encontra-se à porta das igrejas, e é o mendigo; à hora do crime encontra-se à esquina das vielas, e é o ladrão. De dia traz muletas, de noite traz navalha.

Vede-o. E' uma ignomina embrulhada n'um farrapo. Caiu ali como um fardo de miseria, estupidamente, brutalmente, mas cando pragas.

De onde veio esse homem? Da prostituição, do lodo anonymous. Entrou na vida pelo postigo de uma roda, e ha-de sair da vida pelo alçapão de uma guilhotina. Rompeu de um ventre, como um sapo de um esgoto.

A mãe quando o deu à luz, não viu o fruto do seu amor; viu a prova do seu crime. Esconde-o no mistério como o assassino esconde a sua vítima.

E o pai? Seria um príncipe, ou um condenado das galés? E' indiferente. Em ambos os casos, um bandido.

E de resto que lhe importa a elle! E' um fruto do chão, um fruto podre. Vem do estreito e vai para a fossa.

Aos dez annos conhecia todos os vícios, ignorava todas as virtudes. Na época em que as creanças roubam ninhos, elle roubava relógios. Precoceidades.

Quando as outras são anjos, já elle era gatuno. Na idade em que se aprende a ler, elle aprendia a assobiar.

Os preconceitos e os crimes buscam cerebros analfabetos, como os morcegos e os chacais buscam os subterrâneos ás escuras. Ha mais luz nas vinte e quatro letras do abecedário, do que em todas as constelações do firmamento.

Não teve mãe, não teve pae, não teve berço e não teve escola. Germina como um tumor venenoso. A lama ensanguentada da miseria tem d'estas gerações espontâneas!

Aos quinze annos deixou de ser gatuno para começar a ser ladrão. Já não tirava lenços das algibeiras, tirava libras das gavetas. Ao princípio entrava pelas portas, depois chegou a entrar pelos telhados.

Progrediu por tal modo, que na idade em que se recebe na igreja a primeira comunhão, elle recebia no tribunal a primeira sentença. Seis annos de cadeia: uma formatura em hidroagem. Quando entrou levava uma gazua, quando saiu trouxe uma navalha. Foi rapazola e veiu tigre. A cadeia engoliu um malandro, e vomitou um assassino. Aperfeiçoou-o no roubo e lecionou-o na faca.

D'ahi em diante distribuiu o seu tempo d'este modo: Tres annos nas galés e tres meses na taberna. Um assassino saca muitas vezes de uma garrafa. O vinho, propriedade tenebrosa... combinado com o sangue.

A' bebedeira seguia-se a indigência, o delírio tremens. N'aquele cérebro de preverosidade passou um terramoto de loucura.

Por fim ali o tendes. E amanhã a estas

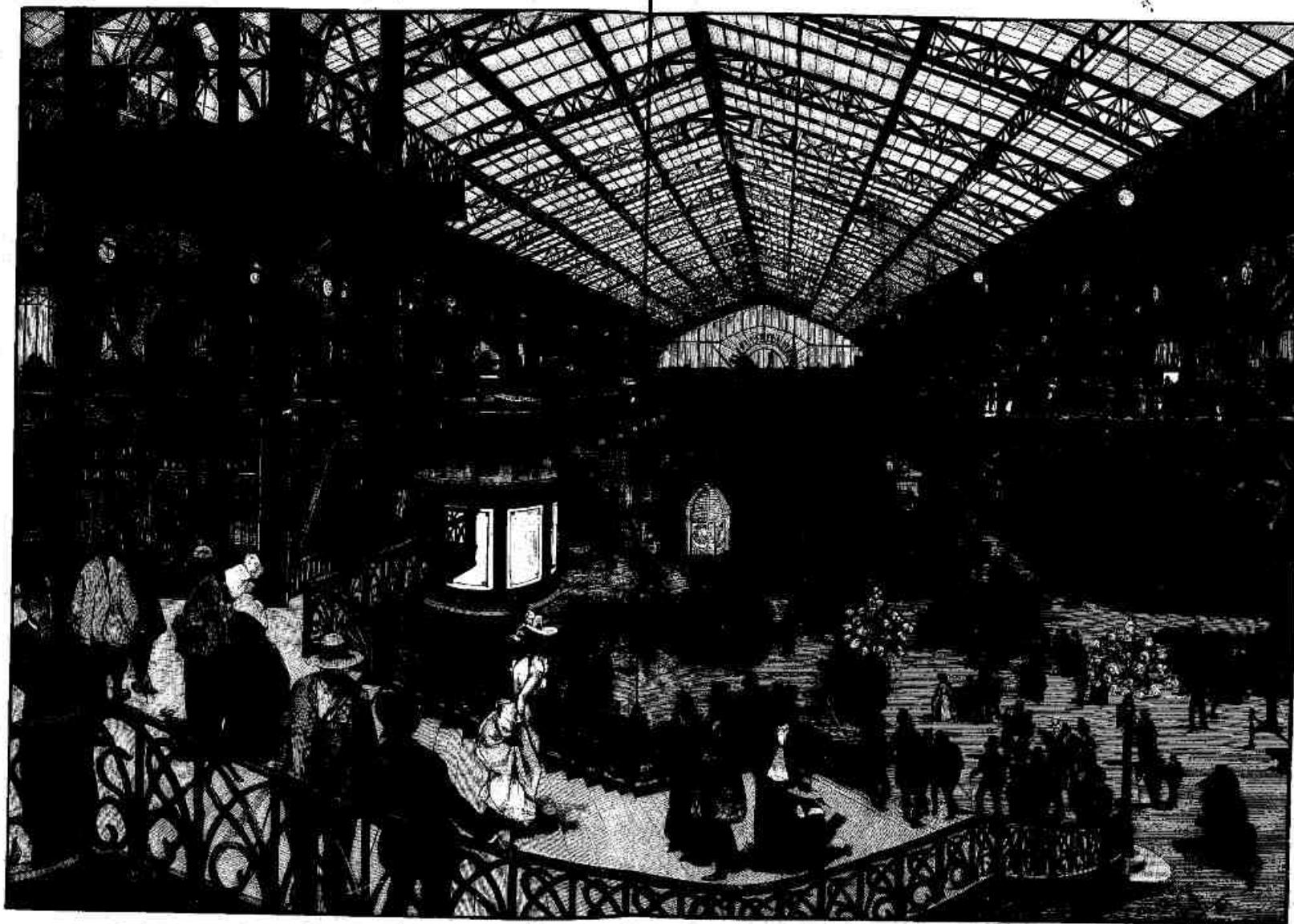


INSTRUÍ...

A felicidade! Em que é que consiste essa ilusão? No amor? Na saúde? Na riqueza? De que serve que um homem encontre todas essas fortunas invejadas, se por cada homem que as possue ha um milhão de homens que as não tem?

Ha-de nascer o primeiro venturoso quando morrer o último desgraçado.

Amantes apaixonados e millionários sábitas, que no vosso egoísmo vos julgues inteiramente, completamente felizes, para



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS. — O PALÁCIO DAS MACHINAS. — O ELEVADOR. — AS PONTES ROLANTES.

horas, quem saberá estará talvez n'uma guilhotina, dentro de uma cova, ou no fundo de um rio. O cutelo, a miseria e o suicídio, disputam-no entre si. Tres abutres à espera de um cadáver.

Philantropos sociais, respondei-me a isto: As vossas estatísticas dizem — a instrução diminui a perversão. — Quer dizer, o alfabeto diminui o crime. O crime é uma doença da alma, como uma pneumonia é uma doença dos pulmões.

Para a doença há um remedio e para o envenenamento há um antídoto. Como se deita abaixo uma cadeia? Acotovelando-a com uma escola. O professor ha-de eliminar o carcereiro.

A luz absorve os miasmas do espírito, como os arvoredos os miasmas dos pantanos. No homem ha duas coisas — o instinto, que é um cego, e a consciencia, que é um pharol. As consciencias são os sentinelas dos instintos. A razão é o domador dos apetites.

Como se faz a separação? Illuminando as ruas? Não; illuminando os cerebros. A gílhetta castiga os assassinos, mas não ressuscita os assassinados. Não indemnisa, vinga.

Ora muito bem, senhores economistas philantropos.

Se as vossas estatísticas, com a exactidão precisa de um thermometer, vos declararam que a instrução faz baixar a criminalidade de cincuenta, quarenta, vinte por cento que seja; se elas vos afirmam, repito, essa verdade indiscutivel, respondei-me claramente à pergunta que vos faço.

Dentro de uma cadeia ha cem analphabetos. Se a sociedade os tivesse ensinado a soletrar, esses cem criminosos ficariam reduzidos a oitenta. Quem é, pois, responsável pelos outros vinte? A sociedade.

Se não admittis a conclusão, rasgac as estatísticas; se a admittis, como creio, farcis o seguinte:

Ha um jury instituido para julgar um assassino analphabeto. A sentença deve ser esta:

Considerando que as feras não podem andar em liberdade pelas ruas;

Considerando que a miseria do criminoso foi um incentivo para o crime;

Condennamos o monstro a ser metido n'uma jaula;

Condennamos o ignorante a ser metido n'uma escola;

E condennamos o vadio a ser metido n'uma officina.

Deem-lhe uma escola, um alfabeto e uma ferramenta.

Mas considerando que, se a sociedade tivesse fornecido um a b c ao ignorante, e um officio ao mendigo, a somma da ignorancia com a miseria não produziria este resultado — o crime;

Considerando que a sociedade foi a causa, e o bandido foi o efecto;

Condennamos a Sociedade a que dé instrução a todas as creanças, e dé trabalho a todos os famintos, applicando-se mais a evitar os assassinatos, do que a regenerar os assassinos.

GUERRA JUNQUEIRO.



VORREI MORIRE!

Canta uma voz... E' noite... A noite é fria, o céu goteja estrelas... Sombra densa. Dóce voz de mulher!... Paire, sombria, na treva espessa uma tristeza immensa...

Canta: tem gritos de paixão fremente... Abre-se o coração — gruta em ruínas — para sorver-lhe a melodia ardente, para escutar-lhe as notas crystallinas.

Canta: as notas soluçam... Ha queixumes longos, tristes, sentidos, dolorosos... Passam na noite, em lugubres cardumes, todas as queixas dos perdidos gosos...

Almas que morrem: corações partidos em plena flor, em plena mocidade — n'aquele canto exhalam-se em gemidos, gemem na angustia da immortal saudade...

A quella voz, aquella voz sublime — voz de arcanjo, mulher, forte e sonora — no intenso arroubo, gemedora, exprime quanta magia de amor o mundo chora!

Os sons, que passam — passam bravinhados de sangue e pranto... sóam, lancinantes, os tristes ais dos peitos desprezados, as supplicas perdidas dos amantes...

— « Vorrei morire! » — Como é cedo a tal! Voz de mulher e moça — e falla em morte! Lança na noite uma amargura infinada essa queixa tristissima da sorte.

Dizem que a vida é bela, é boa a treva... O vento lá por fóra, nos espacos galopando febril, nas aças leva um fremito de beijos e de abraços...

E, no entanto, ha labios solitarios, labios sedentos de gostosos beijos, almas mortas nos tragicos calvários dos impossíveis e fatais desejos!

Quanta tristeza! Aos poucos se evaeca a voz que canta... As almas dos Trahidos, colhendo no ar as notas d'essa prece, ungem na sombra os corações feridos.

Catou-se a voz. Na escuridão, furtiva, não ha canção de brisa que suspira... Rola... eas-me do olhar lagrima esquiva, soluça o coração: « Vorrei morire! »

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

A ILLUSTRAÇÃO 3 VEZES POR MEZ

Continuamos a receber numerosas adesões de todos os pontos de Portugal e de varias cidades do Brazil à ideia apresentada por alguns ssrs. Assignantes, da ILLUSTRAÇÃO passar a publicar-se trez vezes por mez, em vez de duas, como actualmente sucede, — a fim de poder dar maior desenvolvimento tanto á sua parte artística, como á sua parte litteraria.

Esta ideia tem tido um acolhimento que excede a nossa expectativa, porque a verdade é que nós nunca julgavamos que as adesões fossem tão numerosas, e tão vivas as sympathias que a ILLUSTRAÇÃO conta na sociedade portuguega e brasileira.

Mas ainda estamos longe de possuir as adesões de que em nossa consciencia entendemos ser a maioria dos nossos leitores.

E' por isso que continuamos a sollicitar a opinião de todos os leitores da nossa Revista. As pessoas que desejam que a ILLUSTRAÇÃO, seja ou não seja publicada TREZ VEZES POR MEZ devem mandar o seu voto n'um bilhete postal assim dirigido:

DIRECTOR DA ILLUSTRAÇÃO

13, Quai Voltaire, 19

FRANCE

Paris.

Todos os votos de approvação ou reprovação devem trazer claramente indicados os nomes e as moradas dos signatários.



DEBAIXO DA GUILHOTINA

VER uma guilhotina em repouso, em estado inofensivo, é desejo, que nume tem abandonado.

Fiz nos meus livros tanta gente subir ao codafulso, que não é curiosidade indesculpável em mim a pretensão de saber como é construído o apparelho. E' verdade que o tinha visto representado em gravuras, mas d'este modo deixa apenas recordação muito vaga.

Scertia-me pois, a pozar meu, atrabido para a guilhotina do museu da sr. Tussaud, ou antes para a guilhotina do sr. Samson, conforme reza uma inscrição encaixilhada.

Pois affanho-lhes que é um machinismo altamente engenhoso, com o qual tinha direito de usar-lhe o cidadão Guillotin.

A da sr. Tussaud nada deixa que desejar. E' completissima. A' direita vê-se de prevenção o cesto. O alçapão está descido e o cutello no alto. Faltas apenas o rôu.

Ha pouco tempo esta guilhotina, prompta para funcionar, tentou um parisiense, que quis ver que tal estaria sobre o alçapão e com o pescoço metido no postigo: para tal fim levantou a parte móvel d'este, estendeu-se sobre o alçapão, meteu o pescoço pelo buraco, e uma vez ali, baixou até ao nível da nuca a corrediza, na idéia de que depois não teria mais do que levantar-a e encolher a cabeça, como faz o caracol quando quer meter-se na casca.

Mas o parisiense estava enganado: sentido o pescoço do postigo tem que ficar ali preso até cabir o cutello. Podia lá ser o contrario, trancando-se de um apparelho tão serio como a guilhotina!

Uma pequena mola que se põe dissimuladamente em movimento fixa a corrediza, e como esta mola só é conhecida do carrasco, ainda que o condenado conseguisse soltar as mãos, não poderia mover-a.

E' mister prever tudo.

Assim polo o nosso parisiense, depois de permanecer cinco minutos sobre o alçapão e com a cabeça metida pelo postigo, conhecendo que via apenas a serradura existente no fundo do cesto e que similhante espetáculo oferecia pouca variedade, tentou levantar a corrediza para retirar a cabeça, e depois protegêr na sua visita ao museu, meter-se outra vez na carruagem e voltar para a hospedaria.

Já o nosso homem imaginava o efecto que havia de produzir em França, ao contar aos seus companheiros de meza redonda que tinha ensalado a guilhotina onde morrera Luiz XVI e metido a cabeça pelo mesmíssimo postigo por onde metera a sua o neto de S. Luiz. Acerceceriai com tudo:

— Mas eu cá fui menos tolo: tirei-a...

Como vêem, o parisiense tinha já composta a sua phrase de espírito, e tudo o mais.

Mas, desgraçadamente para elle, não deitara bem as contas.



A REVISTA DAS REVISTAS

POPOLAÇÃO DO BRASIL EM 1888

A população das 20 províncias Brasil, calculada, segundo a nota estatística recentemente publicada no livro *População e território do sr. Favilla Nunes*, é a seguinte, com relação a 1888:

Amazônia	5.000	80.654
Pará	1.000	407.321
Maranhão	1.000	100.556
Pará e Maranhão	2.000	188.443
Minas Gerais	1.000	266.920
Ceará	1.000	95.2.621
Rio Grande do Norte	1.000	908.851
Paraíba	1.000	496.618
Bernardópolis	1.000	1.100.831
Alagoas	1.000	459.371
Segunda	1.000	132.940
Bahia	1.000	1.821.089
Espírito Santo	1.000	121.757
Município	1.000	400.665.558
Rio de Janeiro	1.000	1.164.438
S. Paulo	1.000	1.306.376
Paraná	1.000	127.548
Santa Catharina	1.000	236.336.00
Rio Grande do Sul	1.000	643.527
Minas Gerais	1.000	3.012.383.807
Guarapari	1.000	211.721
Matto Grosso	1.000	79.750
		14.002.335

Calcula-se também que o aumento da população do Brasil, nos últimos 16 anos, foi de 4.056.865 habitantes.

A marinha brasileira

A marinha, é muito importante e a ella devo o Brasil grandes serviços, principalmente du rante a guerra do Paraguai.

Além de outros, que estão em construção, a armada possui os seguintes navios:

Cinco couraçados, de 1.ª classe — «Ria-chuelo», «Aquirizé», «Sete de Setembro», «Solinópolis» e «Javary»; um de 2.ª, «Bahia»; três de 4.ª, «Rio Grande», «Alagoas» e «Piauhy»; doze cruzadores de 1.ª classe, «Guamá», «Almirante Barroso», «Tres de Maio», «Trajano», «Príncipe de Maranhão», «Pernambuco», «Niterói» e «Amazonas»; quatro de 4.ª, «Aprendiz Marinhheiro», «Caravelas», «Guararapes» e «Paquequer»; oito canhoneiras de 3.ª classe, «Marajó», «Iniciadora», «Guarany», «Comodoro», «Carioca», «Manaus», «Afonso Celso» e «Cabello»; oito de 4.ª, «Henrique Dias», «Tracipe», «Fernandes Vieira», «Lamego», «Bracanot», «Vidal de Negreiros», «Taquary» e «Tramandai»; dois vapores de guerra de 2.ª classe, «Madeira» e «Purdy»; três rebocadores de 4.ª classe, «Lima Duarte», «S. Leopoldo» e «Lomba»; oito torpedeiros e pequenos navios auxiliares em número de nove.

O pessoal é de cerca de 5.800 homens.

Onde está o parígo.

Servimos-nos hoje do título da última crônica do nosso diretor Mariano Pina, para transcrever algumas passagens d'um artigo do *Tempo*, sobre o mesmo assunto.

Mariano Pina mostrava quais eram as verdadeiras causas d'á decadência e d' relaxação d'uma parte da sociedade portuguesa: — falta de disciplina na burocracia e no exército; falta de instrução; e ausência de sentimento religioso. Estas opiniões, que pelos Jacobins podem ser imputadas de retrógradas, estão porém d'acordo com as teorias dos modernos pensadores, libertos da embriaguez do Sufragio Universal e dos Direitos do Homem, como platicamente os proclamaram os nossos avós.

No artigo do *Tempo*, visivelmente escrito pelo ilustrado historiador Oliveira Martins, encontramos o mesmo

Quando quis levantar a corredica, esta permaneceu imóvel, como se formasse uma só peça com a guilhotina.

O parisense insistiu, e a corredica insistiu igualmente.

De repente acudiu ao desgraçado uma ideia que lhe fez brotar uma gata de suor em cada pôtro, e foi que podia enganar-se com a mola e soltar a gata em vez de levantar a corredica fizesse cair o cutedo.

Em tal caso, decapitar-se-lhe-ia sózinho, sem auxílio de mais ninguém, não tendo o mínimo desejo de suicidar-se, e além disso sem ter pôdio contar, pelo menos aos vivos, que ensaiava a guilhotina de Luís XVI.

E pareceu-lhe também que no outro mundo a narração não produziria efeito algum.

Convencido de que podia enganar-se com as molas, o parisense entendeu que o melhor que podia fazer era gritar.

E gritou.

Mas não acordou ninguém.

Gritou mais.

Os visitantes do museu, ouvindo-o, aproximaram-se.

— Que demônio está ali a fazer aquelle homem? perguntou um dos bons habitantes de Londres, que o *Punch* designa pelo nome de *cockneys*.

— Oh! respondeu outro mais avisado. Esta snr. Tussaud sabe que inventar para recreio do público que lhe frequenta o estabelecimento.

Julgou decerto que a guilhotina sem paciente carecia de atrações, e alugou um rapaz para fazer as vezes de criminoso. Ora como em Londres não se guilhotina, levou a verdade histórica até o ponto de construir um francês para representar de reu.

— Acudam! Socorro! gritava o parisense.

— Bravo! Muito bem! respondeu o inglês. Faz o seu papel ás mil maravilhas. Bravissimo.

— O senhor, eu juro-lhe por tudo quanto ha que não estou fazendo papel nenhum. Acho-me aqui por acaso.

— Muito bem! Assim mesmo é que devo continuar. Óptimo!

— O que diz elle? perguntaram os mais visitantes que iam chegando.

— Nada. Repete uma lição que lhe ensinaram, e dila, por sinal, muito bem.

— Os senhores, pelo amor de Deus! gritava o parisense com a fala cada vez mais fraca. Soltam-me! Mas cuidado! Não se enganem com a mola! Vamos! Esqueçam que eu sou francês, e que os senhores são ingleses. Todos os homens são irmãos. Então, por favor! Acudam-me!

— Bravo! Bravo! Bravissimo! Repeti o inglês aplaudindo furiosamente acompanhado pelos outros.

Por fim os bravos e os aplausos faziam tal barulho, que velou attribuído pala bulha um dos empregados do estabelecimento. Atravessando por entre os grupos chegou ao pé do capivado, e perguntou-lhe por que se entregava a similhante gracioso.

O parisense conheceu que lhe chegava auxílio e como fallava alguma coisa inglesa o empregado arranhou francês, acabaram ambos por se entender.

O empregado voltou-se para os circunstantes e explicou-lhes o acontecido, mas elles opossearam-se formalmente a que fosse posto em liberdade o francês, que pela sua parte pediu, voz em grito, que o deixassem d'ali quanto antes.

— Tenho paciencia, redarguiu o empregado; um dos nossos visitantes foi buscar sua mulher que tinha ficado ao pé do berço do rei de Roma. Espero que a tal senhora o venha ver. Um milhão de mais ou de menos não faz nada ao caso.

— Mas eu é que não quero estar n'esta posição, nem mais um segundo! Não vim aqui para divertir o público. Paguei como os mais...

— Ora vamos, temho paciencia...

— Ao senhor custa-lhe pouco a fazer esse pe-

dido, mas eu... sufoco... vou ter uma hemorragia... uff!

— Onde está elle? Onde está elle? perguntou a inglesa, abrindo passagem por entre os espectadores da cena.

— Ali. Vê, respondeu o marido.

— Mas eu disseste que elle gritava... E agora porque não grita? Quero que grite para mim como gritou para os mísseis.

Mas o paciente nem já resollegava.

— Senhor, disse-lhe o marido, como francês, é amável, e por isso não se recusou ao pedido dumha senhora. Vamos! De um, dois, ou treco gritos, e declaramo-nos satisfeitos.

O parisense não só deixara de gritar, mas conservava-se completamente imóvel.

Lembraram-se então de que podia estar incomodado, e por isso o empregado do museu pôs a mola em movimento, tirou o paciente do posto e collocou-o em pé.

O parisense caiu como massa inerte: estava desmaiado.

Fizeram-lhe respirar saes, deitaram-lhe agua gelada no rosto, até que, com grande satisfação dos circunstantes, abriu os olhos.

Ao voltar a si, o seu primeiro movimento foi levar as mãos à cabeça, e sentindo-o entre os homens, deu um grito de festeiro alegria, e sem reclamar o chapéu, que ainda o está esperando a esta hora, fugiu a bom correr do museu da sr. Tussaud!...

Alexandre Dumas.

MARIA STUART

No espaço salão, armoriado e frio,
Há completo silêncio; em quadros de valor,
Destacam-se painéis d'um tom grave e sombrio.

Brilha por toda a parte o vivido fulgor,
De armas esculturais e lanças temerosas,
E dos ferreos trofeus de artístico lavor.

Desdobra-se o veludo em pregas magestosas,
No largo reposteiro, e nos coxins dobrados,
Alastram-se, gentis, as sedas preciosas.

Nos flores da jansela, em frisos rendilhados,
Vem pôr em banho as aves doidejantes,
Soltando alegremente uns limpídos trinados.

Rumorejam lá fora as vagas solucentes,
E rése ao longe o mar, colosso grandioso,
Boiando no seu dorso embarcações distantes.

A Rainha da Escóssia, immersa em um saudoso,
E vago meditar, contempla, com tristeza,
Essa visita brillante, esse painel formoso.

Faz-lhe sobressair a gentil beleza,
O vestido severo e negro de veludo,
Onde fisticia a luz d'uma real torqueza.

Postas as mãos no seio e quasi abraça a tudo,
Essa mulher gentil, voluptuosa e doce,
Tinha no rosto escripto um desespero mudo.

De repente sorriu; quem sabe talvez fosse,
A terma commoção do timbre immaculado,
D'uma canção de amor, que a viração lhe trouxe.

Talvez fosse um desejo ardente, enamorado,
Um sonho, uma ambição, que fosse despertar,
O doírato prazer em seu peito enluctado.

Nada d'isto porém: flanado, ao longe, o mar,
Essa mulher formosa e bella como a esperança,
Sentira em sua mente altiva despontar,

A quadra juvenil da sua vida em França.

Porto, 1889.

Alepho Alves.



S. A. a PRINCEZA ISABEL, CONDESSA D'EU.

DOM PEDRO, DOM LUIZ E DOM ANTONIO
FILHOS DOS CONDES D'EU.

S. A. o PRÍNCIPE LUIZ D'ORLÉANS, CONDE D'EU.

acordo de ideias. E pois com duplo prazer que passamos a transcrever certas passagens d'esse artigo, que tinha por título: *Nem tanto ao mar, nem tanto à terra*.

.... queremos que se governe bem no sentido de fazer respeitado o poder, desafrontando-o dos enxovalhos a que o vemos exposto.

Por isso é que dizemos: *nem tanto à terra...*

**

Mas, valha a verdade, se não estamos no optimismo com o dr. Pangloss, também não estamos no pessimismo com Schopenhauer. Não queremos, como ele escrevia, — que o Estado seja simplesmente o açaimo para tornar inofensivo o animal carnívoro, o homem.

Estavamos servidos se a pretexto de disciplinar a sociedade a calcassemos no despotismo! Seria o mesmo que dur a liberdade a alguém... mas dentro

das quatro paredes d'um carcere, e com estas recomendações peremptórias:

— Tem a liberdade de passear — mas se se macher, leva um tiro; pode falar à vontade, — mas se disser uma palavra, é garrotado; tem o direito de escrever — mas se se atrever a pôr a mão n'na pena que se lhe dâ, ou se servir de tinteiro que se lhe entrega, pratica um crime de força...

Nada! Temos diversa doutrina e por outra forma queremos o respeito e a força das instituições. Já aqui temos exposto por varias vezes os nossos princípios. Somos tanto contra o abuso do poder como contra a sua fraguezza. Insurgimo-nos contra o subalterno que publicamente vem fazer alarde de ter desatascado o seu superior, e insurgimo-nos contra quem o deixou ficar a gozar uma impunidade desmoralizadora. Protestámos contra o oficial e alto funcionario da monarchia, que n'essa dupla qualidae jurou acatá-e servir-e, e impudentemente vai presidir a reuniões onde se faz contra ella propaganda. E protestámos contra quem lhe consentisse. Somos adversários declarados da tolerância ao

empregado d'uma secretaria publica, explorando em jornais, ou atacando no parlamento, o ministro a quem deve obediencia e respeito, pedindo-lhe contas e impondo-lhe responsabilidades, por actos de que tomou conhecimento em razão do proprio cargo. E somos contra quem o não castigou.

Contra estes e semelhantes abusos, contra o abandono, contra a relaxação, contra esse estado revoltante da boa ordem e disciplina social, em que todos livre e impunemente desacatam aquelles que estão por cima, sem quebra das attenções que requerem dos subordinados, — contra isso protestámos hoje. Queremos as instituições rodeadas do prestígio que precisam, e queremos aquelles que as guardam rodeados do respeito que n'essa qualidae merecem. Tanto as emporcalha o que lhe cospem injúrias — como aquelle que por relaxação ou tibieza as deixou emporcalhar.

Mas d'aquei ato ao regimen... do Miguel, Alcaide, vai grande distancia.

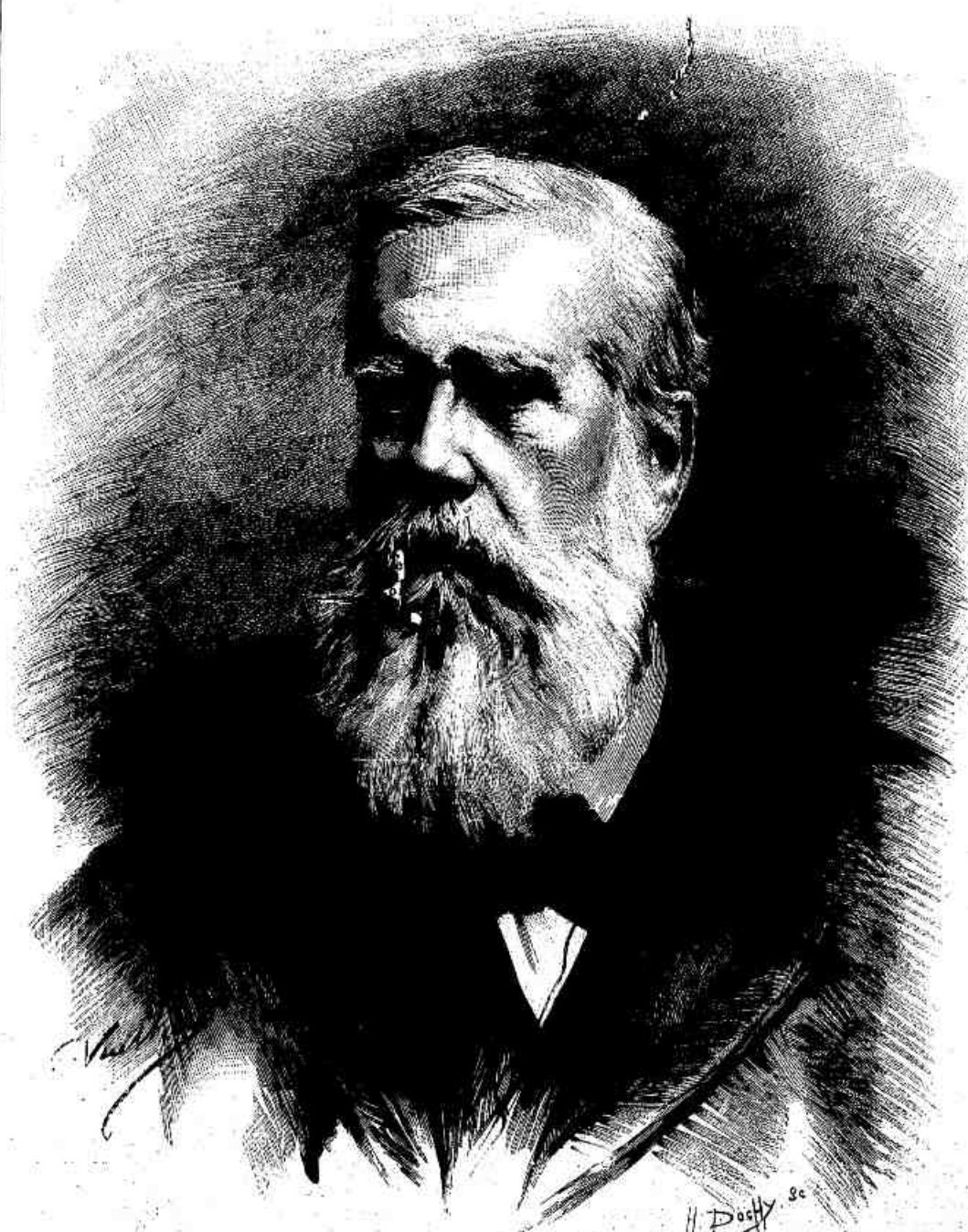
Nem tanto ao mar...



S. A. o PRÍNCIPE DOM PEDRO AUGUSTO DE SAXE.



S. M. a Sra. D. MARIA THEREZA, EX-IMPERATRIZ DO BRASIL.



SUA MAGESTADE O SR. D. PEDRO II, Ex-IMPERADOR DO BRAZIL.



S. A. a PRINCEZA ISABEL, CONDESSA D'EU.

D. PEDRO, D. LUIZ E D. ANTONIO,
FILHOS DOS CONDES D'EU.

S. A. o PRÍNCIPE LUIZ D'ORLEANS, CONDE D'EU.

acordo de idéias. E, pois com duplo prazer que passámos a transcrever certas passagens desse artigo, que tinha por título: *Nem tanto ao mar, nem tanto à terra*.

.... queremos que se governe bem no sentido de fazer respeitado o poder, desfrontando-o dos enxovalhos a que o vemos exposto.

Por isso é que dizemos: *nem tanto à terra...*

**

Mas, valha a verdade, se não estamos no optimismo com o dr. Pangloss, também não estamos no pessimismo com Schopenhauer. Não queremos, como elle escrevia, — que o Estado seja simplesmente o sagão para tornar inofensivo o animal carnívoro, o homem.

Estavamos servidos se a pretexto de disciplinar a sociedade a calcessemos no despotismo! Seria o mesmo que dar a liberdade a alguém... mas dentro

das quatro paredes d'um carcere, e com estas recomendações peremptórias:

— Tem a liberdade de passear — mas se se macher, leva um tiro; pode falar à vontade, — mas se disser uma palavra, é garrotado; tem o resto de escrever — mas se se atraver a pôr a mão na pena que se lhe dá, ou se servir do tinteiro que se lho entrega, pratica um crime de forca...

Nada! Temos diversa doutrina e por outra forma queremos o respeito e a força das insurreições, já aqui temos exposto por varias vezes os nossos princípios. Somos tanto contra o abuso do poder como contra a sua fraqueza. Insurgimo-nos contra o subalterno que publicamente vem fazer alarde de ter desatendido o seu superior, e insurgimo-nos contra quem o deixou ficar a gozar uma impunidade desmoralizadora. Protestamos contra o oficial e alto funcionário da monarquia, que n'essa dupla qualidade jurou acatá-lo e servil-o, e impudicamente vai presidir a reuniões onde se faz contra ella propaganda. E protestamos contra quem lhe consente. Somos adversários declarados da tolerância ao

empregado d'uma secretaria pública, explorando em jornais, ou atacando no parlamento, o ministro a quem deve obediência e respeito, pedindo-lhe contas e impondo-lhe responsabilidades, por ações de que tomou conhecimento em razão do proprio cargo. E somos contra quem o não castigou.

Contra estes e semelhantes abusos, contra o abandulhamento, contra a relaxação, contra essa estúpida revoltante da boa ordem e disciplina social, em que todos livre e impunemente desacatam aquelles que estão por cima, sem quebre das atenções que requerem dos subordinados, — contra isso protestamos hoje. Queremos as instituições rodeadas do prestígio que precisam, e queremos aquelles que as guardam rodeados do respeito que n'essa qualidade merecem. Tanto as emporcalhão que lhe cospe injúrias — como aquelle que por relaxação ou tibiesa as deixou emporcalhar.

Mas d'áqui ató ao regimento... do Miguel, Alcalde, vai grande distância.

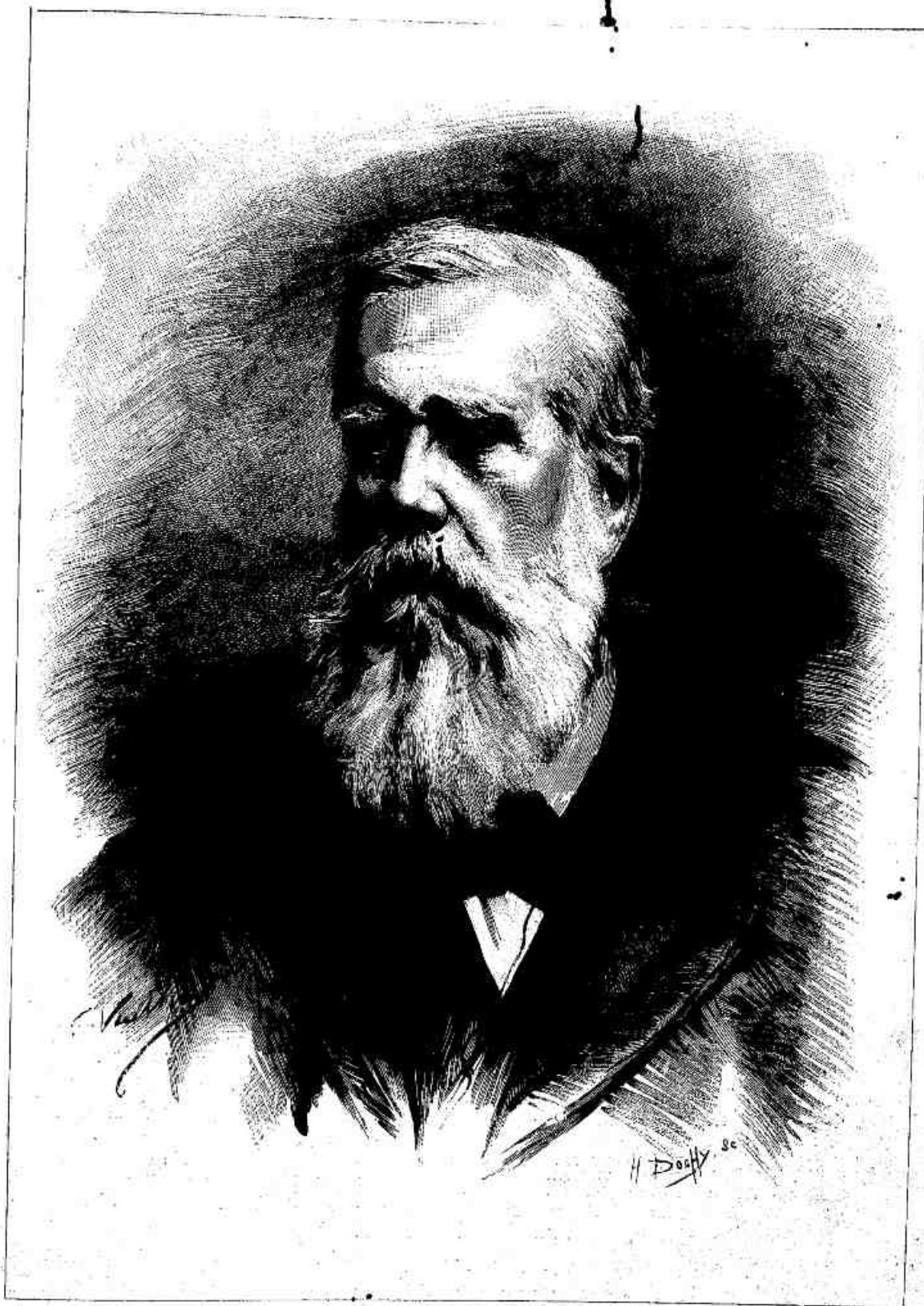
Nem tanto ao mar...



S. A. o PRÍNCIPE DOM PEDRO AUGUSTO DE Saxe.



S. M. A. SRA. D. MARIA TEREZA, EX-IMPERATRIZ DO BRAZIL.



SUA MAGESTADE O SR. D. PEDRO II, EX-IMPERADOR DO BRAZIL.

PARIS DURANTE A EXPOSIÇÃO

Segundo os elementos estatísticos recolhidos pelo *Temps*, pode saber-se d'uma maneira muito próxima da exactidão qual foi a população fluctuante da grande metrópole durante o período da exposição universal, e que Paris absorveu em comidas e bebidas, e quais os meios de transporte empregados.

Meios de transporte

Os elementos para este capítulo são fornecidos pelas companhias de caminhos de ferro, segundo os mapas do movimento dos três meses consecutivos à abertura da exposição.

Viajantes saídos de Paris.

	1888	1889
Estat.	13.333	13.389
Nord.	1.355.213	1.570.349
Est.	2.680.209	2.913.543
Ouest.	4.437.777	4.991.884
Orléans.	634.968	667.067
P.-L.-M.	634.920	626.536
	9.761.019	11.784.766
Diferença a favor de 1889.	1.020.747	

Plaiautes entrados em Paris.

	1888	1889
Estat.	15.108	25.722
Nord.	1.347.117	1.379.793
Est.	2.673.716	2.979.039
Ouest.	4.370.687	4.853.440
Orléans.	611.639	611.935
P.-L.-M.	623.022	614.794
	9.647.289	10.704.703
Diferença a favor de 1889.	1.057.414	

Por um lado os trens de cintura transportaram durante o mesmo lapso de tempo aproximadamente 7.950.000 passageiros ou 2.200.000 mais do que em 1888.

Os barcos parisienses forneceram durante os três primeiros meses, o mapa seguinte:

	1888	1889
Maior.	1.633.606	3.058.758
Junho.	1.434.443	3.886.248
Julho.	1.602.455	4.061.320
Totais.	4.670.541	11.006.326
Diferença para mais em 1889.	6.335.3612	

Observando que muitos serviços d'omnibus, que fazem hoje o trajecto da exposição, não funcionavam ainda em maio, e que só em princípios de julho que foram postos em actividade, vê-se que estes serviços especiais transportaram em maio 27.377 passageiros, em junho 39.485 e em julho 59.444.

Se examinar agora a nota das receitas comparadas dos meses de maio, junho, julho, e agosto de 1888 e 1889, apura-se, para as grandes linhas de caminhos de ferro acima citadas e para as companhias secundárias, os seguintes algarismos, que são eloquentíssimos:

en 1888 (4 meses)		
receitas		
Grande veloc.	Pequena veloc.	Totais
1.561.990.000 fr.	197.065.000 fr.	353.264.000 fr.
1889 (4 meses)		
1.821.380.000 fr.	204.901.000 fr.	387.159.000 fr.
Diferença em favor de 1889: 33.865.000 fr.		

Verifica-se também pelos boletins mensais de receita que a progressão não começou realmente senão a partir do fim de agosto. A progressão do mês de setembro excede, numa somma importante, a media acima.

O numero de viajantes calculado pela polícia sobre os registos dos hotéis, casas de pensão ou quartos mobiliados não é menos interessante, embora os seus dados estejam abaixo da verdade porque muitos provincianos e estrangeiros não foram para os hotéis, e as declarações de certos hotéis são o que há de mais fantástica.

Eis a esse respeito uma nota o mais detalhada possível:

Estrangeiros chegados a Paris e hospedados em hotéis

	1888	1889
Maior.	18.012	36.359
Junho.	15.558	40.180
Julho.	16.168	50.034
Agosto.	20.003	64.475
	69.743	185.048

Franceses

	1888	1889
Maior.	47.916	59.309
Junho.	40.507	75.360
Julho.	43.070	89.850
Agosto.	44.275	123.458
	174.768	347.977

Basta um relancear d'olhos sobre este mapa para se observar a progressão durante os quatro meses.

Compreendem-se facilmente que uma aglomeração de indivíduos dispondo de tão numerosos meios de locomoção sulcando as ruas dia e noite, os acidentes da via pública deviam ser mais numerosos do que nos anos precedentes.

Eis um mapa comparativo:

	Maio	Junho	Julho	Agosto
accidentes.....	291	305	409	367
.....
.....	456	407	419	397

Paris, durante o período da Exposição, gozou d'uma situação excepcional a respeito de hygine, e a longe de se verificar uma accentuação na mortandade, os algarismos apresentaram uma diminuição no numero dos obitos, devido certamente ás condições climáticas e temperaturas que têm gozado a grande cidade, e também o carácter desses quatro meses de festa. Os philophops tem observado que quando se está contente, ninguém pensa em morrer. Ninguém, nem estrangeiros nem parisienses, tiveram tempo para estar contente; e todos os que vieram para consultar médicos se esqueciam d'isso.

Terminaremos este esboço da vida parisiense com alguns algarismos que dão notícias do estado comparativo dos pick-pockets presos pela polícia municipal, durante os mesmos períodos dos anos de 1888 e 89.

	1888	1889
Maio.....	6 prisões, sendo 2 estrangeiros	
Junho.....	13	6
Julho.....	5	2
Agosto.....	2	0

	1889
Maio.....	33 prisões, sendo 14 estrangeiros
Junho.....	37
Julho.....	24
Agosto.....	22

Esta diminuição progressiva é bastante curiosa para deixar de ser anotada.

Irão os homens para bons ?
Hum !

O ventre de Paris

O mapa seguinte dá o consumo da cidade de Paris durante os três primeiros meses da Exposição, isto é, do 1^o de maio ao 31 de julho de 1889.

	1888	1889
Bois touros e vacas.....	73.710	72.853
Vitelas.....	74.683	79.200
Carneiros.....	465.038	473.508
Porcos.....	70.913	73.483
Cavalos.....	21.965	31.009
Mulas.....	35	33

A diferença em favor de 1889 é a seguinte:

	1888	1889
Vitelas.....	4517
Carneiros.....	10.270
Porcos.....	3.568
Cavalos.....	44

Deste mapa verifica-se que o consumo de carne de vacca foi menor em 1889 do que em 1888, e estatística aponta uma diminuição de 857 cabeças.

Em resumo, e em outros termos, Paris consumiu 43.777.849 kilogrammas de carne durante estes noventa dias, isto é 2.049.739 kilogrammas a mais do que em 1888.

Pelo que se refere aos outros comestíveis e bebidas, encontram-se os seguintes algarismos em excesso sobre o exercício correspondente de 1888:

Peixes, 52.062 kilogrammas; aves, 107.416 kilogrammas; manteiga e queijos, 430.180 kilogrammas; ovos, 171.141 kilogrammas; vinho embrulhado, 113.702 hectolitros; alcool puro e licores, 3.152 hectolitros; cerveja, 52.061 hectolitros.

Eis agora os algarismos gerais do consumo de líquidos em Paris durante este período de 90 dias.

Vinho embrulhado 113.702 hectolitros; alcool puro e licores 3.152 hectolitros; cerveja 140.962 hectolitros.

TSARINE PÓ DE ARROZ RUSSO
Adesivo, suavizante, desincrustante
PREPARADO POR VIOLET
29, Boulevard des Italiens, PARIS

As novas fórmulas oficiais

O *Diário do Governo* publicou o seguinte:

Sendo indispensável estabelecer o formulário, com que durante o meu reinado devem ser expedidos os diplomas e actos do governo, e das autoridades, que mandam em nome do Rei: hei por bem, tendo em vista o disposto na carta constitucional da monarquia, decretar o seguinte:

1.º A promulgação das leis será feita com esta fórmula: « Dom Carlos, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos que as cortes gerais decretaram e nós queremos a lei seguinte: (A integral da lei nas suas disposições). »

Mandamos portanto a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertence, que a compram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretário d'estado (o da repartição competente) a faça imprimir, publicar e correr. Dada, etc.

2.º A fórmula das cartas patentes, e de quaisquer outros diplomas do governo, ou cartas e títulos dos tribunais, que se costumam expedir em nome expresso do Rei, será: « Dom Carlos, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. »

3.º A fórmula dos alvarás será: « Eu El-Rei faço saber. »

4.º As cartas régias para subditos portugueses dirão no logar competente: « Eu El-Rei. » Para estrangeiros dirão: « Eu El-Rei de Portugal e dos Algarves, etc. »

5.º Os decretos terão a fórmula ordinária: « Hei por bem. »

6.º As portarias do governo terão esta fórmula: « Manda Sua Magestade El-Rei, pela secretaria d'estado dos negócios, etc. »

Nas portarias expedidas pelos tribunais nos casos do estylo a fórmula será: « Manda Sua Magestade El-Rei, pelo tribunal, etc. »

7.º As supplicas, ofícios e mais papeis, que me forem dirigidos, ou imediatamente ou pelos tribunais, empregarão o tratamento de Magestade, e principiarão dizendo « Senhor ». A direcção externa será: « A Sua Magestade El-Rei. »

Toda a correspondencia oficial deve ser expedida sob a fórmula: « Serviço nacional e real. »

Os ministros e secretários d'estado de todas as repartições assim o tenham entendido e façam executar.

Paço, em 19 de outubro de 1889.

EL-REI.

JOSÉ LUCIANO DA CASTRO. — FRANCISCO ANTONIO DA VENGA BEIRÃO. — HENRIQUE DE BARROS GOMES. — JOSÉ JOAQUIM DE CASTRO. — FREDERICO RESSANO GARCIA. — EDUARDO JOSÉ CORDEIRO.

O exercito brasileiro

O exercito brasileiro, que tomou a parte mais importante na revolução, é muito numeroso. O efectivo de paz é de cerca de 150 mil oficiais e de 120 mil praças de praet. A infantaria tem 21 batalhões; a cavalaria 6 regimentos; 4 artilharia 3 regimentos de campanha e 4 batalhões a pé; a engenharia 1 batalhão.

O corpo de polícia tem 6000 homens, estando 11000 na capital.

VIAGENS A PARIS.

O producto e movimento de bilhetes vendidos por ocasião da Exposição de Paris pela companhia dos caminhos de ferro portugueses foi de

Bilhetes ordinários só de ida.....	873
» de ida e volta.....	11700
» de 5 libras em 2.ª classe ida e volta.....	381
Total.....	12954

perfazendo o total de 142.082.5384 rs., competindo a campanha real réis 17.745.899 e a sociedade de Madrid-Cáceres-Portugal 25.000.000 réis.



ESPARTILHOS

LÉOTY

adoptados pelo
high-life
parisiense.
8, P. de la Madeleine
PARIS

Esperemos o Fim

Evidentemente é uma coisa excelente contar deserto anos e possuir uma dentura tão forte que permita quebrar os ossos! O que será porém dessas gencivas no dizer em que a carie faz a sua aparição? Porque este será o resultado que devem esperar todas as pessoas que se esqueçam de parar a higiene da boca o « Elixir dentífrico dos R. P. Padres Bensdossens da Abadia de Soula ». E' o único que se encarregará de manter integralmente a vitalidade das gencivas, das mandíbulas e dos dentes. Graças a este dentífrico, pode esperar-se em conservar até à elade mais avançada uma boa dentura, tão perfeita como na época juvenil.

Agente geral: A. Seguin, Bondeux.

Preço de venda em França. Elixir: 2, 4, 8, 12 et 20 francos.

Preço de venda em França. Pó: 1,25 et 2 francos.

Preço de venda em França. Pasta: 1,25 et 2 francos.

Encontra-se em todos os perfumistas, Cabeleireiros, farmacêuticos, Droguistas, Retrotéreiros, etc.

Em todos os Perfumistas e Cabeleireiros
de França e do Exterior

A
VELOUTINE
Pó d'Artes
especial
PREPARADO COM BISMUTHO
Por CHM. FAY, Perfumista
8, rue de la Paix, PARIS

ASTHMA E CATARRHO
CIGARROS ESPIC
Governo de Portugal
Companhia dos Caminhos de Ferro
da Madeira e das Ilhas da Beira e do Brasil — PARIS. Vendido por todos
os Lojistas de Paris e do Exterior.

No reinado do sr. D. Luiz.

No reinado de S. M. El-Rei D. Luiz, realizaram-se em Portugal as seguintes exposições: — Exposição Industrial de Angra do Heroísmo, Exposição Industrial do Porto, Exposição Industrial de Lisboa (1.º), Exposição Industrial de Coimbra, Exposição Industrial de Guimarães, Exposição Agrícola de Lisboa, Exposição da Arte Ornamenta, Exposição Industrial Portuguesa (1888), Exposição Industrial de Loulé, Exposição Industrial d'Almeida.

O conselho d'estado brasileiro

O conselho de estado brasileiro, que a revolução acaba de extinguir, era composto pelos srs. visconde de Siruimbo, visconde de Beaurepaire Rohan, visconde de Vieira da Silva, visconde de S. Luiz, marquês de Paranaú, marquês de Muritiba, e conselheiros Lafayette, Corrêa, Paulino, Souza Dantas, Andrade Figueira, João Alfredo e Duarte d'Azevedo.

PARIS

80, RUE MONTOLON, 30

GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

No centro da Paris, perto da Ópera, das principais estações de estradas de ferro, dos boulevards e das casas comerciais brasileiras e portuguesas. Este hotel é dirigido pelo proprietário e sua família. É o mais concorrido e preferido pelos viajantes brasileiros e portugueses, em razão da modicidade dos preços e das comodidades que oferece.

LAPERRE

SABÃO REAL | VELOUTINE | Union Industrielle
de THIRIDACE | 13, Boulevard des Italiens, Paris | VELOUTINE
Fabricado por autoridades medicas para a Higiene da Pele e Cabelo da Corte.

PARFUMERIA MEDICIS Essencias, sabonetes, salsas, etc., OGER, 6, Boulevard de Strasbourg, Paris.

SUSPENSORIOS MILLERET, elásticos e sem assadeiras, Le Gonidec, 49, r. J.-J.-Rousseau, Paris.

PILULAS de PEPSINA
DE
HOGG
2, rue de Castiglione

1º PILULAS NUTRITIVAS
de Pepsina acidificada contra as afecções gastricas, dispepsicas, etc., etc., ou nos casos em que a digestão é difícil ou impossível. — 5 Fr. o frasco de 100 pilulas. 3 Fr. o frasco frasco. Dose: 2 pilulas antes de cada refeição.

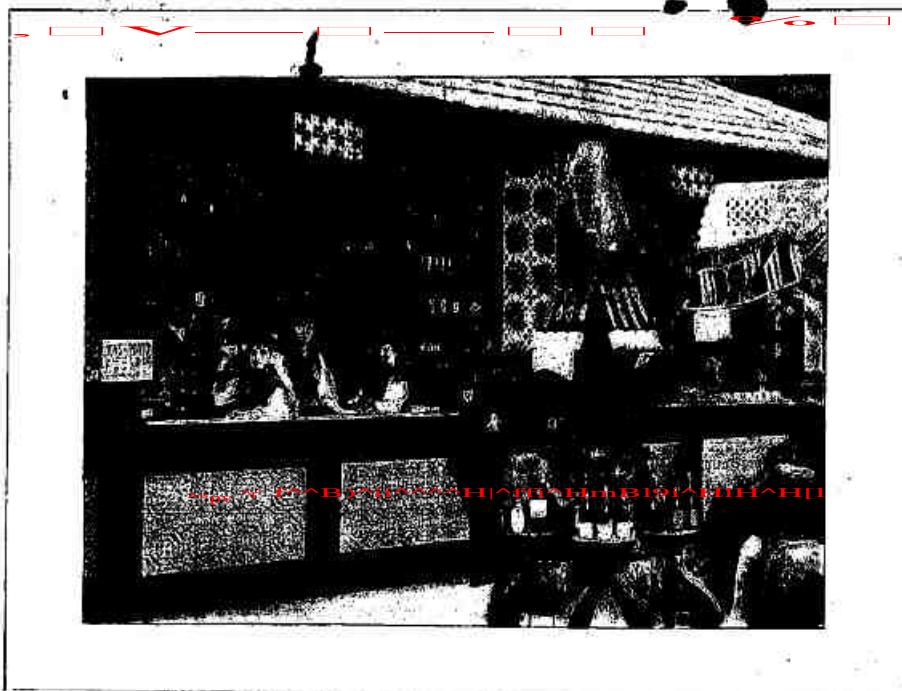
2º PILULAS de Pepsina e de Ferro contra as metástases sacrofálicas, hiperplasia e cistofílites, etc., etc., a phisíatia, a anæmia clorose, etc., etc., e as afecções atómicas de gera de economia. — 4 Fr. o frasco. 2 Fr. 50 o frasco frasco.

Dose: 2 a 4 pilulas pura pésa manhã e à noite. Estas tres sortes são prescritas diariamente pelos mais concorridos medicos.

DÉPÔSITO nas principais PHARMACIAS do BRASIL

**VERDADEIROS GRÃOS
DE SAÚDE DO FRANCIA**

GRÃOS
de SORVETE
do doctor
FRANCIA



O PAVILHÃO PORTUGUÊS EM PARIS. — O 9º SALÃO DE PROVAIS DE VINHOS E CAHES PORTUGUESES.

GUERLAIN DE PARIS
15, 20 e 25 PAIS - ARTIGOS RECOMENDADOS

15. TÉCNICAS DE TERRAIN — ARTIGOS RECOMMENDADOS

EL FERRO QUE VENÍA DE LA TIERRA

Enviado aprovado pelo ACADEMIE DE MEDICINA de PARIS, m/s: Anemia, Pobreses do Sangue, Fluxo
branco, PETROS. Lápis e Sella da UNIAO DOS FABRICANTES - 144, rue du Rempart, PARIS - 50 ANOS

50 ANOS

BISMUTHO ALBUMINOSO BOILLE 1000
Al. 1000 mg. N. 100 ml. Solución. Envase de 100 ml. y 1 litro.

GRÃOS **BROMHYDRATO** **QUININA BOILLE**

卷之三

A PASTA FRÍA ATÓPIA RUSSET

A PASTA EPILATORIA DUSSE
Pasta epilatoria em PASTILHAS Dússer (100g, 200g, 500g), que remove os pelos, sem causar irritação, localizada para a epilação mais fácil. **SCAMMERS DE SUCESSO, NISSEM** recomenda a DUSSE para a epilação de axas, pélvica, genitais, e demais partes do corpo. **Corporação Dusse, garante resultados ótimos.** **www.dusse.com.br**

La Géronte : P. Mouillet